

FH: 'O Brasil não sairá dos trilhos'

Em Lisboa, presidente condena saques e badernas e diz que não permitirá descontrole

Adriana Vasconcelos e Monica Torres Maia

LISBOA

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem, em entrevista, que o Movimento dos Sem-Terra (MST) deixou de ser um movimento social para se transformar num movimento político sem controle. Fernando Henrique preferiu não atribuir os saques e quebra-quebras à direção do movimento, mas afirmou que as manifestações — promovidas por pessoas ligadas ao MST — ultrapassaram os limites e que ele não permitirá que tirem o Brasil dos trilhos.

— Nem quero acreditar que seja um erro do próprio movimento. Suponho que sejam pessoas do movimento que estejam fazendo saques e virando caminhões ou como foi feito em Brasília. Isso é muito ruim. Ruim para quem? Para quem faz e para todos nós porque o Brasil fica com essa impressão de que as coisas podem sair do trilho. Mas não vão sair. O trilho está bem firme no solo e nós temos muita gente capaz de levar a locomotiva e eu vou ajudar bastante — disse o presidente.

Antes, em discurso, ele disse ser preciso radicalizar a democracia para superar de vez a herança de injustiças e as formas de discriminação que ainda subsistem no país.

— Para radicalizar a democracia, para firmarmos o compromisso pelo Brasil mais próspero e solidário que queremos ser no próximo milênio, o Brasil de uma nova era de desenvolvimento sustentável, onde estabilidade da moeda, as reformas que estamos empreendendo e os investimentos que estamos realizando resultarão em taxas de crescimento elevado, de modo a garantir emprego para quem precisa e terra a quem trabalha — afirmou Fernando Henrique no discurso em tom de candidato que fez de manhã, em Santarém (Portugal), a cerca de cem quilômetros de Lisboa, onde visitou o túmulo do navegador Pedro Álvares Cabral.

Para FH, ONGs são indispensáveis

No fim da tarde, no Fórum Euro-Latino-Americano promovido pelo Instituto Roberto Simonsen, da Fiesp, e pelo Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais de Lisboa, o presidente falou num outro discurso dominado por temas econômicos que as ONGs, apesar de irritarem governantes como ele, deveriam ser respeitadas porque têm papel importante no desenvolvimento das sociedades atuais.

— As organizações não-governamentais, que irritam tanto a nós que estamos no poder, na verdade são indispensáveis. Devemos deixar passar a irritação e compreender as funções delas. Não para aceitar que assumam posição de Estado, que não podem ter porque não têm a legitimidade do voto para assumir, mas sim para que se entenda que deve existir a formação de canais que não são estatais e formam opinião — disse ele.

Indagado depois se o MST era uma das ONGs que o irritavam, o presidente respondeu:

— Não, o MST não é ONG. É um movimento político nesse momento, foi social e agora é político. Por isso é que acho que quem vive na vida pública tem que estar lidando com esses fenômenos com muita tranqüilidade. Não deixar que se ultrapassem certos limites.

Em Santarém, Fernando Henrique destacou ainda que o Brasil é um país cada vez mais ouvido e respeitado no exterior, é a oitava economia do mundo, mas ainda tem que enfrentar desafios como as deficiências nas áreas de saúde e educação:

— Precisamos de que a revolução que se inicia na educação garanta mais oportunidade aos brasileiros e promovam igualdade e oportunidade pa-



NO ÚLTIMO DIA de sua viagem a Portugal, Fernando Henrique discursa ao pé da estátua de Pedro Álvares Cabral

ra mulheres e um futuro de menos incerteza aos nossos filhos. Uma nação que enfrente com determinação o problema da saúde, grande desafio que o Brasil também vai vencer para acabar com o pesadelo que muitos brasileiros vivem hoje toda vez que o filho adoece e que não se sabe se vai encontrar atendimento médico adequado ou se haverá dinheiro para operação ou remédio.

Segundo ele, o Brasil deve aproveitar a comemoração dos 500 anos do Descobrimento para fazer uma reflexão e não se resignar com as conquistas obtidas até agora. Na sua opinião, deve haver um diálogo fraterno no país que viabilize o futuro.

— Vamos comemorar os nossos 500 anos, o que somos e o muito que realizamos, sem que isso sig-

nifique resignação com o que temos. Os 500 anos serão também o momento de grande reflexão, de um diálogo fraterno que envolva todos os brasileiros quaisquer que sejam sua idade ou sexo, suas crenças, ideologias ou religiões. Hoje nós temos rumo, e por isso a convicção de que, com perseverança e maturidade, vamos vencer também esses desafios. Não somos mais o Brasil de um futuro que nunca chega, mas um país que está construindo no presente o futuro que almejamos — afirmou.

O presidente encerrou ontem sua viagem de sete dias à Europa, com passagens pela Espanha, pela Suíça e por Portugal. Durante a viagem, as eleições não foram esquecidas em momento algum. Os pro-

nunciamentos feitos e as entrevistas dadas pelo presidente denunciavam a toda hora sua condição de candidato à reeleição. Tal condição provocou constrangimentos quando o presidente de Portugal, Jorge Sampaio, falou publicamente da campanha à reeleição. Às margens do rio Tejo, onde está instalada a Exposição Mundial da Cultura (Expo-98), Sampaio pediu aos demais chefes de Estado que o acompanhavam para que deixassem o presidente brasileiro posar sozinho para fotos, com o argumento de que ele está em campanha.

— Deixem-no sozinho porque ele está em campanha — pediu Sampaio, diante de um constrangido Fernando Henrique.

O presidente esteve ontem na Expo-98 para participar de um almoço oferecido por Sampaio a todos os chefes de Estado que compareceram antontem à cerimônia de inauguração da exposição. O almoço foi oferecido no restaurante panorâmico que fica na Torre Vasco da Gama, a cem metros de altura.

Na imprensa portuguesa, presidente-candidato

A imprensa portuguesa também fez questão de salientar a condição de candidato de Fernando Henrique. O jornal "A Capital", por exemplo, divulgou ontem uma nota com foto informando que o presidente brasileiro vê sua popularidade cair a cada dia. Citando a última pesquisa de opinião realizada pelo Instituto Vox Populi, que registrou uma queda na popularidade do presidente de 40% para 34%, o jornal vespertino afirmou que será muito difícil para Fernando Henrique vencer a eleição de outubro. A manifestação promovida pela CUT na última quarta-feira em Brasília e que acabou em tumulto também mereceu destaque no "Diário de Notícias", o principal jornal de Lisboa.

Ao depositar flores ontem de manhã no túmulo de Cabral, Fernando Henrique citou os preparativos do Governo para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, que ocorrerão no ano 2000. Em frente à casa onde Cabral viveu seus últimos dez anos e à Igreja da Graça, que abriga o túmulo do descobridor, o presidente lembrou o início da História do país e atravessou-a até os dias atuais.

A um metro da estátua de Cabral, Fernando Henrique passou por seu primeiro constrangimento do dia. Quando começava a discursar, ele foi interrompido pelos latidos de um cão vira-lata que vagava pela praça da Igreja da Graça. Sem graça com a situação, o presidente optou por brincar com os jornalistas antes de continuar falando.

— Ele está latindo para vocês — disse, enquanto convidados portugueses e membros de sua comitiva riam.

À noite, quando o presidente iniciava a entrevista no Centro Cultural de Belém, um homem — identificado mais tarde como segurança do primeiro-ministro de Portugal, Antônio Guterres, a serviço do presidente brasileiro — agrediu a repórter do GLOBO Adriana Vasconcelos. O segurança português apertou com força o braço esquerdo da repórter e empurrou-a para trás dando-lhe um tapa forte no peito, depois de tentar fazê-la recuar várias vezes. O chefe da Segurança do Palácio do Planalto, coronel Elito, precisou se posicionar entre a repórter e o segurança português. O segurança não foi identificado. Os cerca de 40 jornalistas que acompanhavam a viagem de Fernando Henrique a Lisboa enviaram uma carta cordial a Guterres, agradecendo a maneira gentil como foram tratados a maior parte do tempo, mas lamentando a agressão sofrida pela repórter. ■

• ACM RESPONSABILIZA ARRAES POR SAQUES EM PERNAMBUCO E AMEAÇA RETER VERBA

na página 4